



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 08/05/2017

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Frigoríficos recuperan el nivel de actividad .....	2
Mejoran los márgenes de la industria frigorífica.....	2
Exportaciones retroceden 25 por ciento en el mes de abril – Esperan mejora en mayo.....	2
ICMS en São Paulo provoca alza de precios.....	3
Operación Carne Fraca .....	4
Ministerio resumió las acciones tomadas ante embajada de 29 países y bloques .....	4
Entidades tratan de unificar sus discursos .....	4
Mayores controles por parte de importadores denotan seguridad de las carnes brasileñas .....	4
Todavía 13 países aplican prohibiciones.....	5
Encaran misiones para facilitar acceso al mercado mundial.....	5
Actualizan criterios de calidad para evaluar servicios sanitarios .....	5
Auditorías veterinarias en curso: Corea del Sur y Estados Unidos.....	6
Proyectan una disminución en el número de animales en corrales de engorde.....	6
Brasil volvió a importar carne fresca de EE.UU. después de 13 años.....	7
<b>URUGUAY</b> .....	<b>7</b>
El novillo gordo se estabiliza entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90 .....	7
Las exportaciones de carne para cuota 481 alcanzarán 17 mil toneladas a junio.....	8
SIAL Shanghai – INAC participará con dos stands e importante comitiva .....	9
En algunas zonas la preñez de bovinos llega hasta un 90% .....	9
El ethion “no será de venta libre” y se podrá utilizar solo en “baños de inmersión”.....	9
Uruguay refrendará estatus sanitario en Asamblea de la OIE Se hará contacto con Japón por apertura para la carne vacuna. ....	10
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>10</b>
Exportación de carne paraguaya de nuevo generó más divisas.....	10
Senacsa flexibilizará control de vacunación antiaftosa por inundaciones .....	11
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>11</b>
CETA: ganaderos irlandeses comparten encuentro con sus pares canadienses .....	11
BÉLGICA vota suspender faena kosher y halal en uno de sus estados.....	12
REINO UNIDO: participará en ferias HOFEX y SIAL China .....	12
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>12</b>
Anuncian reapertura del Mercado chino.....	12
Regirá a partir 16/07/2017 .....	13
Estados Unidos admitirá el ingreso de carnes cocidas de origen aviar.....	14
Exportaciones alcanzaron en marzo un nivel record desde 2000.....	15
Asia y América del Norte fueron los destinos más dinámicos .....	16
Crece la demanda doméstica y externa .....	16
USDA anunció cambios en su organización. Crean Subsecretaría de Comercio .....	17
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>17</b>
Uruguay: Frigorífico Copayán más cerca de exportar carne vacuna a China .....	18
Minerva con menores ganancias en primer trimestre .....	18
Marfrig registró pérdidas por R\$ 237,9 millones en el primer trimestre .....	18
Marfrig vendería acciones de Keystone .....	19



## **BRASIL**

### **Frigoríficos recuperam el nivel de actividad**

Sexta-feira, 12 de maio de 2017 - Sob o ponto de vista das escalas médias de abate, é possível afirmar que os frigoríficos retornaram as operações aos níveis anteriores à operação Carne Fraca, até com certa folga.

Em São Paulo, as programações de abate atendem, em média, entre cinco e seis dias.

É notável o aumento frente ao mesmo período do mês passado, quando esta média estava situada entre dois e três dias.

Com isso, os preços do boi gordo já não apresentam a mesma firmeza de semanas atrás.

De qualquer forma, as quedas de preço, quando ocorrem, acontecem de maneira gradativa.

O mercado da carne com osso também exhibe os reflexos da retomada das operações. Novas quedas não estão descartadas em curto prazo.

### **Mejoran los márgenes de la industria frigorífica**

Fonte: Scot Consultoria 12 de maio de 2017 Preço de cortes sem osso subiram 2,7% nas duas primeiras semanas de maio

Os preços da carne no atacado sem osso tiveram alta na semana. Na avaliação da Scot Consultoria, a proximidade com o Dia das Mães acabou melhorando as vendas de carne. Duas semanas seguidas de valorização no atacado, sem que as escalas de abate estivessem apertadas, atendendo ao redor de uma semana, não deixa outra impressão.

Nas duas primeiras semanas de maio os cortes ficaram 2,7% mais caros. Em trinta dias a alta chegou a 5,2%. Diante disso, porém, é estranho ver que o mercado varejista, em contato diretamente com o consumidor, ficou estável na primeira metade do mês.

As margens das indústrias estão sendo preservadas em patamares cinco ou seis pontos percentuais acima da média histórica.

Por outro lado, os varejistas têm diminuído a diferença entre o preço de venda e o de compra de carne.

A margem dos açougues e supermercados, em 66%, é a pior desde março. Independente do tamanho deste indicador, que comparada a dos outros elos é significativamente maior, o foco aqui é outro, é a evolução deste número, que saiu de 74% na primeira quinzena de abril para o patamar atual.

Aparentemente, a análise destes elos da cadeia indica que, apesar da alta de preços no atacado, o consumo não parece ter evoluído.

Escala - Sob o ponto de vista das escalas médias de abate, é possível afirmar que os frigoríficos retornaram as operações aos níveis anteriores à operação Carne Fraca, até com certa folga.

Em São Paulo, as programações de abate atendem, em média, entre cinco e seis dias.

É notável o aumento frente ao mesmo período do mês passado, quando esta média estava situada entre dois e três dias.

Com isso, os preços do boi gordo já não apresentam a mesma firmeza de semanas atrás.

De qualquer forma, as quedas de preço, quando ocorrem, acontecem de maneira gradativa.

O mercado da carne com osso também exhibe os reflexos da retomada das operações. Para a Scot Consultoria, novas quedas não estão descartadas em curto prazo.

### **Exportaciones retroceden 25 por ciento en el mes de abril – Esperan mejora en mayo**

12/05/17 - por Equipe BeefPoint As exportações de carne bovina tiveram recuo de 25,63% em abril, quando foram embarcadas 93 mil toneladas, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC). As negociações geraram um faturamento de US\$ 378 milhões, o que representa uma queda de 24,60% se comparado ao obtido em março. Os preços médios, no entanto, tiveram um incremento de 1,38% na mesma comparação.

Hong Kong, China e União Europeia foram os que mais importaram carne bovina do Brasil no período, com retração do volume e do faturamento gerados com a comercialização. Hong Kong, o que mais importou, em média 27 mil toneladas e US\$ 99 milhões de receita gerada, teve um recuo de 2% na comparação com o mês anterior.

Por outro lado, Egito destaca-se entre os países para os quais o Brasil aumentou suas exportações em abril, com alta de 60% em faturamento e 54% no volume exportado. Palestina e Malásia também tiveram maior abertura para a carne bovina brasileira no mês passado, ambos com incremento de 7% na receita gerada com as negociações.



Posição	País/região	Faturamento US\$ (abril/2017)	Volume em toneladas (abril/2017)
1	Hong Kong	98.596.300,84	26.653,32
2	China	52.255.428,69	11.971,49
3	União Europeia	37.606.194,09	5.978,65
4	Rússia	34.396.203,41	10.284,57
5	EUA	31.576.770,75	5.000,59
6	Egito	23.222.032,68	6.817,37
7	Irã	17.970.118,18	4.653,15
8	Arábia Saudita	17.358.365,67	4.045,38
9	Chile	14.558.085,43	3.412,01
10	Cingapura	5.731.565,85	1.389,35

O resultado verificado em abril era esperado, já que a operação da Polícia Federal, deflagrada em 17 de março, gerou uma série de indefinições nos prazos de reabertura em alguns mercados. Diante disso, produtores agiram com mais cautela, comprando menos gado, suspendendo abates e embarcando quantidades menores de carne bovina”, explica Antônio Jorge Camardelli, presidente da ABIEC.

Camardelli também ressalta que os preços praticados junto aos mercados importadores aumentaram 1,38% em média. “Muito se especulou que a carne bovina brasileira sofreria uma forte desvalorização com a repercussão da operação policial em frigoríficos, mas conseguimos fazer com que os preços fossem mantidos ou até mesmo subissem”, afirma o presidente da ABIEC.

Para Camardelli, os efeitos do episódio devem ser diluídos e, em maio, a expectativa é de que o desempenho com as exportações seja similar ao de março, quando foi registrado resultado recorde com alta de 22% em faturamento e de 20% em volume.

Categorias – Em abril, a carne in natura se manteve como categoria mais exportada, seguida por miúdos e industrializadas. Sua comercialização para outros países gerou um faturamento de US\$ 293 milhões, com embarque de mais de 70 mil toneladas, uma queda 27% em faturamento e 29% em volume.

Posição	Categoria	Faturamento US\$ (abril/2017)	Volume – ton. (abril/2017)
1	In natura	292.640.296,40	70.207,30
2	Miúdos	41.824.908,71	14.739,73
3	Industrializada	36.792.782,35	6.101,93
4	Tripas	5.179.889,92	1.706,12
5	Salgada	1.914.018,56	371,59

Quinta-feira, 11 de maio de 2017 - 05h50

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, na primeira semana de maio o Brasil exportou 18,5 mil toneladas de carne bovina in natura, com faturamento total de US\$77,1 milhões.

A média diária do período foi de 4,6 mil toneladas, queda de 3,7% em relação a mesmo período do ano passado. Entretanto, em relação a abril de 2017 o volume diário exportado foi 18,8% maior.

Caso o ritmo das exportações continue, até o final do mês o volume de carne bovina in natura deverá ser de 101,2 mil toneladas, o que representaria uma alta de 0,2% em relação ao mesmo período de 2016.

### ICMS em São Paulo provoca alza de precios

08/05/17 - por Equipe BeefPoint Pressionado pela queda na arrecadação, o governo do Estado do São Paulo voltou a cobrar alíquota de 11% de ICMS sobre a carne no mês passado, após manter o produto isento por oito anos. O impacto da mudança na tributação de um item básico provocou um salto de preços no varejo.

Em abril, o preço médio das carnes bovinas na cidade de São Paulo subiu 3,83% e alguns cortes de segunda registram altas de até 8%. Os dados são da pesquisa do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe, que apura a inflação em São Paulo.

A alta das carnes bovinas em abril superou de longe o IPC-Fipe (0,61%). Nos meses anteriores, os aumentos de preço das carnes tinham sido bem menores. Em março, foi de 0,05%.

Manoel Henrique de Farias, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas do Estado de São Paulo, que reúne açougues, diz que a volta da tributação puxou os preços para cima, apesar de ter sido numa proporção menor do que o inicialmente previsto. A estimativa do presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Pedro Celso Gonçalves, era de que os preços aumentariam entre 6% e 6,5%.

Farias explica que o impacto foi atenuado pelos açougues pequenos, que são a maioria dos estabelecimentos, e estão no regime do Simples. Esses açougues reajustaram os preços entre 2,6% e 2,7%. Os grandes, que estão fora do Simples e apuram o imposto, aumentaram preços na ponta em cerca de 10%.

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.



## **Operación Carne Fraca**

### ***Ministerio resumió las acciones tomadas ante embajada de 29 países y bloques***

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.8/05/17 - por Equipe BeefPoint

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) apresentou, nesta sexta-feira (5), balanço das ações desenvolvidas durante a Operação Carne Fraca aos representantes das embaixadas de 29 países e blocos que importam carne brasileira.

De acordo com o secretário de Defesa Agropecuária do Mapa, Luis Pacifici Rangel, o Brasil não tem problemas sanitários. “O que aconteceu foram desvios de conduta de uma minoria de servidores. O problema foi pontual. Exportamos para mais de 160 países e recebemos diversas mensagens de solidariedade, que atestam a sanidade e qualidade dos produtos brasileiros.”

O diretor do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal da Secretaria de Defesa Agropecuária, José Luis Ravagnani Vargas, reafirmou aos diplomatas e adidos agrícolas que houve agilidade em demonstrar a segurança do Serviço de Inspeção Federal (SIF) brasileiro frente às denúncias apresentadas pela PF.

Atualmente, 18 estabelecimentos permanecem proibidos de exportar carnes. Os servidores afastados em razão de envolvimento no caso já foram substituídos. Além disso, o Mapa já substituiu algumas chefias dos serviços de inspeção de produtos de origem animal nas superintendências federais de Agricultura de alguns estados e está em processo de substituição de outras.

Entre os 29 países e blocos que participaram da reunião, em Brasília, estavam representantes dos Estados Unidos, Japão, Chile, Austrália e União Europeia.

### ***Entidades tratam de unificar sus discursos***

9/05/17 - por Equipe BeefPoint “Não dá para mensurar o tamanho do estrago”, diz Antônio Jorge Camardelli, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), entidade que representa 32 empresas que vendem produtos bovinos para o mundo. “Esta crise é desnecessária.”

“É preciso estancar essa história, que não reflete o setor de carnes, para não deixar o Brasil sangrar”, afirma Francisco Turra, ex-ministro da Agricultura e presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), referindo-se à Operação Carne Fraca, que não será facilmente esquecida.

Os dois representantes das três cadeias afetadas pela operação da Polícia Federal fizeram coro com as demais entidades do setor, como a Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA) e suas federações Estaduais, a Associação Brasileira de Agribussines (Abag), a Sociedade Rural Brasileira (SRB) e a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), para ficar nas mais conhecidas.

“Também precisamos mostrar para a nossa população que nós produtores somos as grandes vítimas disso tudo”, diz João Martins, presidente da CNA. As manifestações mostraram o que há muito tempo não se via no setor: uma voz em uníssono.

Nos últimos anos, todas as tentativas de unificar os discursos das entidades do agronegócio não prosperaram por falta de sintonia de interesses, embora eles existam aos montes, como na logística, em segurança jurídica, acesso à terra, leis trabalhistas, entre outros temas. Agora, pressionados pelos acontecimentos provocados pela Operação Carne Fraca, o cenário é outro.

Para o professor José Luiz Tejon Megido, coordenador acadêmico da pós-graduação e do Núcleo de Agronegócio da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), as crises mudam pessoas e cenários para pior ou para melhor. Assim, está colocada hoje uma oportunidade para que as cadeias orquestrarem seus discursos de forma mais organizada daqui para a frente.

“É preciso não se esquecer que o conceito de agribusiness não é a compra e a venda de algo e, sim, a coordenação e a gestão da cadeia produtiva”, afirma Tejon. “Quem mais está assumindo a pancada da Operação Carne Fraca ainda é a produção”.

Não por acaso, Camardelli e Turra já começam a assumir a possibilidade de ações conjuntas futuras. Para Turra há uma grande tarefa conjunta das duas entidades para reverter o estrago.

### ***Mayores controles por parte de importadores denotan seguridad de las carnes brasileñas***

11/05/17 - por Juliana Santin Países importadores que intensificaram a fiscalização da carne brasileira após a Operação Carne Fraca não encontraram inconformidades, revelou o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, nesta quarta-feira (10), durante audiência pública na Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados.

“Cem por cento da mercadoria está sendo inspecionada ao chegar no seu destino, sem que tenha sido encontrada nenhuma inconformidade até agora”, assinalou.

Restrições impostas às exportações de carnes do Brasil foram retiradas pelos principais compradores, disse o ministro. Os mercados atualmente abertos representaram cerca de US\$ 13,55 Bilhões ou 95,34% dos valores exportados.



O reforço na fiscalização de rotina foi adotado por 57 países importadores, de acordo com o ministro. Depois da operação da Polícia Federal em frigoríficos, o ministério recebeu cerca de 328 comunicados oficiais envolvendo demandas de outros países sobre detalhes da ação.

Como providências do Mapa, Maggi destacou a coleta de 762 amostras de produtos para análise e a proibição de produção e de exportação de mercadorias por parte dos frigoríficos investigados, além da exoneração de servidores envolvidos.

Entre as amostras recolhidas, 98,68% não apresentavam risco sanitário. E a maior parte dos problemas detectados eram relacionados à fraude econômica, como excesso de água nas embalagens. Em 1,31%, foram identificados pequenos problemas, com algum potencial de afetar a saúde pública, como a presença de salmonella.

O ministro anunciou que embarcará, nesta sexta (12), para os Emirados Árabes, Kuwait, Arábia Saudita e Catar. Ele vai apresentar explicações, já enviadas por escrito, para assegurar a manutenção desses mercados, para onde é destinada a maior parte da exportação de frango do Brasil.

Em relação ao mercado interno, Maggi ressaltou que os mesmos procedimentos utilizados para fiscalizar as carnes exportadas são adotados para o consumo no país. “Claro que existem as particularidades de cada país, que fazem suas exigências, mas a qualidade da carne é a mesma.”

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### ***Todavía 13 países aplican prohibiciones***

11/05/17 - por Equipe BeefPoint Em um balanço sobre os efeitos da Operação Carne Fraca sobre as vendas externas de carne brasileira, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, disse que 13 países ainda mantêm embargos. A maioria desses países – ,tais como Argélia, Bahrein, Iraque e Vietnã – no entanto, é menos expressiva para balança comercial brasileira de carnes.

Por outro lado, 75 países já reabriram suas compras desses produtos. Nessa lista, estão China, Hong Kong, Japão, Irã e Chile, que estão entre os principais importadores de carnes do Brasil. No entanto, das 21 plantas investigadas pela Polícia Federal no âmbito da Operação Carne Fraca, 18 ainda estão impedidas de exportar para qualquer país do mundo – o Brasil exporta carnes para cerca de 150 países.

Do total desses compradores que já restabeleceram o comércio com o Brasil, 57 reforçaram inspeções em seus postos aduaneiros como medida de segurança sanitária, outros 15 ainda impõem algum tipo de restrição comercial às importações de carne produzida pelos frigoríficos brasileiros. Outros três países ainda estão avaliando dados fornecidos pelo Ministério da Agricultura.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint,

### ***Encaran misiones para facilitar acceso al mercado mundial***

10/05/17 - por Equipe BeefPoint O secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Eumar Novacki, disse que representantes da pasta farão missões ao exterior para retomada do mercado internacional. Ele participou hoje (9) da abertura da Expomeat, feira internacional de proteína animal que acontece até quinta-feira (11) em São Paulo.

O secretário-executivo disse que a contenção da crise foi possível graças ao sistema de inspeção federal.

“No primeiro momento nós conseguimos conter a debandada geral que houve e agora queremos consolidar [os mercados]. E isso só é possível porque o nosso sistema de inspeção federal é robusto e funciona, estamos presentes em mais de 150 países e estes mercados, antes de comprar os produtos brasileiros, fazem uma auditoria independente do sistema, por conta disso nós conseguimos conter e agora precisamos consolidar”, disse.

O trabalho agora segue com missões internacionais feitas pelo Mapa. Na próxima sexta-feira (12) o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, viaja para Arábia Saudita e Kuwait. Novacki informou que também participará das missões na Comunidade Europeia e Coreia do Sul. Há ainda visitas programadas para Egito, Irã e Argélia.

Segundo o secretário-executivo, poucos países ainda resistem em voltar a comprar a carne brasileira. Ele acredita que o maior prejuízo foi da imagem da carne brasileira.

“Precisamos desmistificar e mostrar não só internamente, mas para o mundo, que além de produzir em grande quantidade e produtos de qualidade, nós produzimos também com responsabilidade social e com sustentabilidade. Estes são os pilares que vamos nos apoiar nessas missões internacionais”.

Fonte: Exame, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### ***Actualizan criterios de calidad para evaluar servicios sanitarios***

12/05/17 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) atualizou os métodos e critérios de avaliação da qualidade dos serviços veterinários em saúde animal, com a criação do Programa de Avaliação e Aperfeiçoamento da Qualidade do Serviço Veterinário. O programa



deverá ser transparente e alinhado aos exigentes padrões internacionais, para promover melhorias contínuas e necessárias ao desempenho do Serviço Veterinário Oficial (SVO).

O Programa de Avaliação e Aperfeiçoamento da Qualidade do Serviço Veterinário baseia-se em duas metodologias: monitoramento contínuo de indicadores e auditorias presenciais periódicas nos estados. O método foi desenvolvido pela Coordenação de Avaliação e Aperfeiçoamento dos Serviços Veterinários (CASV) do Departamento de Saúde Animal (DSA) com vistas a visão abrangente dos serviços veterinários e a sua relação com produtores de animais terrestres e aquáticos.

Para as auditorias, foi desenvolvida uma ferramenta de avaliação da qualidade do SVO adaptando metodologia da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) usada em avaliações dos Serviços Veterinários dos países-membros que é conhecida como PVS/OIE Tool (Performance of Veterinary Services).

Em 2016, foram capacitados 37 auditores fiscais federais agropecuários (AFFAs) para realizarem auditorias conforme o novo modelo. Neste ano serão realizadas auditorias em dez estados: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Bahia, Acre, Rondônia, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo que em Sergipe e Minas Gerais já foram concluídas.

O programa de avaliação leva em conta quatro componentes apontados pela OIE como essenciais para a qualidade dos serviços veterinários: recursos humanos, físicos e financeiros; autoridade, capacidade técnica e operacional; interação e capacidade de certificação para acesso aos mercados. São cinco níveis de pontuação, de 1 a 5, para cada item, permitindo ao órgão avaliado adotar melhorias para evoluir rapidamente.

### **Auditorías veterinarias en curso: Corea del Sur y Estados Unidos**

Fonte: Mapa 12 de maio de 2017 - Americanos e sul coreanos iniciarão os trabalhos na próxima segunda, 12, visitando plantas em vários Estados

A partir da próxima segunda-feira, 15, dois auditores do serviço veterinário dos Estados Unidos começarão a inspecionar frigoríficos de bovinos e suínos, além de laboratórios, superintendências federais de Agricultura (SFAs) e escritórios do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em cinco Estados. O trabalho dos norte-americanos se destina à renovação das autorizações de exportação de carnes bovina e suína e vai até 2 de junho.

As equipes visitarão abatedouros em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás. Está prevista inspeção em nove plantas frigoríficas.

Em 2016, o Brasil exportou cerca de US\$ 284 milhões de carne bovina e US\$ 306 mil de cortes de frango para o mercado americano, segundo dados da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do Mapa.

Também nesta segunda-feira veterinários da Coreia do Sul vão iniciar inspeção em oito plantas frigoríficas de suínos e aves para habilitar o Brasil a exportar esses produtos para aquele mercado.

Serão fiscalizadas unidades em São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul. No ano passado, a Coreia do Sul importou do mercado mundial US\$ 1,26 bilhão de cortes suínos e US\$ 266 milhões de carne de frango.

### **Proyectan una disminución en el número de animales en corrales de engorde**

09/05/17 - por Equipe BeefPoint As incertezas do mercado e os vestígios da Operação Carne Fraca estão influenciando na decisão dos pecuaristas sobre confinamento este ano. O primeiro levantamento aponta queda de 7% na intenção de confinar em 2017 em comparação com o mesmo período de 2016. Este ano, 701,8 mil animais devem ser confinados e em abril do ano passado a intenção era confinar 755 mil animais.

O mercado do boi gordo passa por um momento de recuperação de preços depois de uma desvalorização em consequência dos desdobramentos da Operação Carne Fraca. O preço da arroba do boi gordo está 5,4% menor neste período do ano em comparação com igual período do ano passado, passando de R\$ 132,19 para R\$ 124,67 à vista para desconto do Funrural. No começo de abril, o percentual de desvalorização da arroba chegou a 10%.

Os bezerros amargam queda ainda maior, o animal custava R\$ 1.316,07 em média em abril de 2016 e este ano está R\$ 1.116,43, 15% mais barato. Com isso, mais fêmeas estão sendo abatidas e a participação delas passou de 38,9% para 50% do total de animais.

De acordo como diretor-executivo da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Luciano Vacari, parte deste cenário é consequência dos desdobramentos da Operação Carne Fraca, que abriu portas para que as indústrias frigoríficas manipulassem o mercado para derrubar os preços.

“Estamos vendo que mesmo com as boas condições de preços dos insumos, o pecuarista está cauteloso. A queda da arroba e a instabilidade na escala de abate estão segurando o produtor na hora de decidir.”

De acordo com o Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), dos 701 mil animais estimados para o confinamento, 52% já foram adquiridos, que representa cerca de 360 mil animais.



O primeiro levantamento de 2016 apontou intenção de confinar 755,5 mil animais e o resultado final foi de 615,8 mil, uma frustração de 18%. Caso a mesma proporcionalidade seja aplicada, Mato Grosso pode fechar o ano com 594 mil animais confinados.

Fonte: Acrimat, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

09/05/17 - por Equipe BeefPoint No cocho: O Imea realizou durante o mês de abril/17 o 1º levantamento de intenção de confinamento de bovinos em Mato Grosso para 2017. De acordo com a pesquisa, estima-se que o número dos animais engordados em confinamento neste ano seja de 701,8 mil cabeças, este volume é 7,1% menor quando comparado ao levantado em abril/16, quando estimava-se 755,5 mil bovinos confinados em 2016. Ainda que os custos com suplementação e aquisição de animais tenha diminuído, grande parte dos confinadores encontram-se receosos devido ao preço do boi gordo. Para se ter uma ideia, entre os confinadores consultados 24,0% responderam estar sem previsão quanto ao confinamento, muitos justificando as recentes quedas no preço do boi gordo para tal imprevisibilidade. Sendo assim, caso a demanda não melhore, alterações na quantidade confinada não estão descartadas. Para mais informações, acesse o link.

- Pela terceira semana consecutiva o preço do boi gordo e da vaca gorda vem subindo no comparativo semanal, demonstrando uma recuperação do mercado. Desta forma, os preços médios estabeleceram-se em R\$ 125,14/@ e R\$ 119,20/@, respectivamente.

- O bezerro de ano manteve seu preço estável nesta semana, ficando cotado a R\$ 1.106,83/cab.

- A exportação no mês de abril/17 obteve queda tanto no volume quanto na receita, recuando 39,41% e 39,74%, respectivamente.

- O abate de bovinos em abril/17 recuou 22,69%, puxado por uma maior redução no número de fêmeas, que diminuiu 27,90%. O número de animais abatidos em abril/17 no Estado foi de 283,26 mil/cab.

QUANDO ENTREGAR? Além dos números abordados acima, o Imea perguntou aos confinadores sobre o planejamento de entrega dos animais que serão confinados e traçou assim possíveis cenários de preços. Como nota-se no gráfico ao lado, a previsão de entregas dos bovinos se dará com mais intensidade no terceiro trimestre, com 49,04% dos animais sendo entregues neste período. Apesar de a previsão ser de mais bovinos confinados neste ano na comparação com 2016 devido a custos menores, a remuneração pelo boi gordo não é das mais otimistas, 10% visto que, prospectando o preço futuro na BM&F/Bovespa e utilizando o diferencial de base histórico de -11,19% para encontrar a cotação futura em Mato Grosso, vislumbra-se que o preço de venda do boi gordo só fecharia acima do custo a partir de setembro/17. Diante deste cenário nebuloso, o foco do produtor sobre o preço deve ser dobrado, senão a conta pode não fechar.

### **Brasil volvió a importar carne fresca de EE.UU. después de 13 años**

08/05/17 - por Equipe BeefPoint Os Estados Unidos voltaram a exportar carne bovina in natura para o Brasil depois de 13 anos de bloqueio. O primeiro carregamento, de picanha, chegou nos últimos dias, dando início a uma “promissora oportunidade de mercado de longo prazo para a indústria de carne bovina dos Estados Unidos”, informou o Departamento de Agricultura do país (USDA), em comunicado.

“Com esse primeiro carregamento de carne bovina in natura chegando ao Brasil, o momento agora é ideal para os exportadores dos EUA voltarem a focar no mercado do país”, disse o USDA, na nota. Atualmente, os principais fornecedores de carne bovina in natura para o Brasil são Paraguai, Uruguai e Argentina, por causa da proximidade geográfica e do Mercosul. Entre 2014 e 2016, o Brasil importou em média US\$ 296 milhões em carne bovina in natura e congelada por ano, ou 50 mil toneladas.

“Apesar da competição com os países do Mercosul e o diferencial de 10% nas tarifas para as nações que estão fora do bloco, os Estados Unidos estão em uma ótima posição para competir no mercado brasileiro, graças à capacidade de atingir o consumidor mais qualificado”, relatou o USDA. Em 2016, os Estados Unidos exportaram US\$ 6,3 bilhões em carne bovina e produtos derivados no mundo.

## **URUGUAY**

### **El novillo gordo se estabiliza entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Mayo 12, 2017 La demanda por ganado sigue siendo firme a los actuales valores, en un escenario entonado por el buen otoño y la próxima apertura del mercado de Japón

Sigue una demanda firme por ganado, pero sin convalidar precios que superen los US\$ 2,90 que se alcanzaron la semana pasada. El mercado parece rumbo a una situación de equilibrio, absorbiendo los novillos de campo que salen previo a la llegada de los fríos más intensos.

Los novillos están entre otras razones por la operativa hacia Israel y parecen consolidar una franja de precios entre US\$ 2,85 y US\$ 2,90 cuando aparecen lotes de muy buena terminación. Las referencias mayoritarias por vacas es US\$ 2,55 a US\$ 2,60 para la vaca gorda.



En la grilla de consignatarios fue la cuarta semana consecutiva de subas y los mejores novillos quedaron referenciados en US\$ 2,87, con cuatro centavos de suba. Las mejores vacas, en US\$ 2,56, con dos centavos de suba. Y también en suba los ovinos, con los corderos ganando dos centavos más hasta US\$ 3,28.

El mercado está entonado por el favorable desenvolvimiento del otoño en la mayor parte del territorio y tal vez porque ya se percibe como cercana la apertura del mercado de Japón, con la llegada del subsecretario de Agricultura de ese país el próximo 28 de junio.

Las ventas de Plazarural ratificaron una situación firme, particularmente por el repunte que se observó en los novillos más grandes y en las vacas de invernada, sumado a la estabilidad de los terneros.

Tanto terneros como terneras tuvieron precios idénticos a los del remate anterior, pero mayores a los de mayo de 2017 en el caso de los terneros. Y las categorías más próximas a la faena subieron respecto a la venta de abril, lo que parece indicar que la perspectiva de la poszafra mejoró entre los compradores.

Los precios de exportación de la semana pasada volvieron a poner un tono de cautela en el mercado, al quedar de nuevo por debajo de los US\$ 3.400, lo que interrumpe dos semanas de precios por encima del promedio que se ha formado en los últimos tiempos.

Por ahora no hay señales de una oferta muy abundante. Aumentó la faena de novillos pero bajó la de vacas. La faena semanal vacuna totalizó 45.303, una caída de 12% respecto a los 50.765 animales de la semana anterior, pero 9% mayor a la de igual semana de 2016.

Fueron 22.630 (el 50%) novillos, y 21.737 fueron vacas (una participación de 48% sobre el total). La faena de vacas cayó 22% y la de novillos subió 3%. Fue la primera semana con más faena de novillos que de vacas en el año, tal vez mostrando que la oferta de vientres empieza a reducirse.

En lo que va del año la faena acumula 821.652 cabezas, 21% más si se compara con igual período de 2016 (680.720 animales). Eso, sumado al ingreso de Japón como comprador para el segundo semestre, lleva a algunos operadores a evaluar la posibilidad de una poszafra si no de grandes precios al menos más prolongada que la del año pasado. En el corto plazo el repunte de precios parece dejar paso a una estabilización. En ovinos también hay un repunte gradual de cotizaciones, con los mejores corderos en el entorno de US\$ 3,25.

### **Las exportaciones de carne para cuota 481 alcanzarán 17 mil toneladas a junio**

Mayo 11, 2017 Se estima que las exportaciones de carne bovina para la cuota europea 481 al cierre del ejercicio agrícola el próximo 30 de junio alcanzarán a alrededor de 17 mil toneladas, lo que significará un incremento aproximado de 20% con relación a igual período anterior. El precio promedio se ubicó en casi US\$ 9.000 la tonelada en los primeros tres meses de 2017.

Para un país chico como Uruguay "estamos con un muy buen desempeño, cubriendo casi una tercera parte de este negocio que habilitó la Unión Europea" para seis países, dijo a El Observador el presidente de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés.

Agregó que en términos aproximados las otras dos terceras partes de las compras autorizadas por la Unión Europea son cumplidas por EEUU y Australia, en tanto que crece Argentina como proveedor de este cupo, que también incluye Canadá y Nueva Zelanda.

La actividad de los productores ganaderos a corral sigue cumpliéndose con intensidad y estiman que será normal para todo 2017, frente a la incertidumbre de que pudiera existir algún problema por los reclamos presentados por EEUU a la UE. Mientras tanto habrá que esperar para el año que viene cómo se presenta esta situación y como sigue el negocio, reflexionó Ferrés.

El negocio de la cuota 481 ha perdido valor con relación a lo que era tiempo atrás porque los precios que se reciben por los ganados destinados a la faena para ese tipo de exportaciones han bajado y ello provoca que el negocio no sea tan atractivo, explicó Ferrés.

Agregó que ese factor, sumado a que los precios de la reposición ganadera están altos –por más que los animales para la cuota 481 han bajado un poco–, provoca que para muchos ganaderos no sea un negocio tan interesante como antes. Hay productores que han dejado de encerrar ganado para la 481 y otros están encerrando animales de otras categorías, por ejemplo bovinos para exportar en pie.

#### **Menor encierro de ganado**

Por lo tanto, el empresario estimó que si las condiciones económicas no cambian –y habiendo pasto por las buenas condiciones climáticas–, el encierro de ganado en mayo no será tan importante y habrá que esperar los acontecimientos para ver si después por alguna razón que hoy no se conoce se encierra más ganado, dijo el presidente de Aupcin.

Ferrés comentó que en la gremial se está procediendo a diversificar los negocios, haciéndose una apuesta importante al rubro de la exportación de vacunos en pie, dado que el precio que se recibe por criar ese tipo de animal en los corrales es sensiblemente superior al precio que paga un animal de cuota 481. Si a esto se le agrega que es una categoría más eficiente en la producción de kilos, se logra que el margen del negocio se presente más atractivo.





Los embarques para la cuota 481 se colocan por trimestre y responde a la demanda de los importadores europeos que manejan este negocio, concluyó Ferrés.

Los corrales son sostén de la faena

Alvaro Ferrés consideró que los corrales de engorde van a seguir operando y respondiendo a los desafíos que se van presentando, porque "no se podría pensar en los volúmenes de faena que tiene Uruguay si los corrales no estuvieran operativos, ya sea con negocios para cuota de Europa, para China o Japón de próxima apertura, a la vez que se diversifica cuando la cuota 481 no se presenta tan atractiva".

### **SIAL Shangai – INAC participará con dos stands e importante comitiva**

Mayo 11, 2017 16:09 INAC presentará dos stands en la feria que se realizará del 17 al 19 de mayo

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) se encuentra preparando la presentación de las carnes de Uruguay en la Feria Sial China que se desarrollará en Shanghai entre el 17 y el 19 de mayo y que contará con la presencia del ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca Tabaré Aguerre, según confirmó INAC.

El instituto viene participando en esta feria desde 2004. Sial China es una exposición de alimentos y bebidas que apunta específicamente al mercado chino.

Se espera la visita de compradores profesionales y público del rubro alimenticio: supermercados, agencias comerciales, vendedores mayoristas, importadores y exportadores, vendedores minoristas, distribuidores, fabricantes, etcétera.

Este año, INAC tendrá dos stands que suman 360 metros cuadrados. Unas 26 empresas entre plantas frigoríficas, traders y brockers estarán presentes para intercambiar con los clientes.

La delegación de INAC estará encabezada por su presidente Federico Staham, acompañado por los miembros de junta Gastón Scayola por los industriales y José Mesa por los productores.

También integra la delegación la gerente de Marketing Silvana Bonsignore.

### **En algunas zonas la preñez de bovinos llega hasta un 90%**

Mayo 11, 2017 Primeros datos de gestación son auspiciosos según informe primario del IPA

Los primeros datos de preñez son auspiciosos, sobresaliendo la regional Norte del Instituto Plan Agropecuario (IPA) donde la mayoría de los entores han finalizado en el mes de febrero y en marzo/abril comenzaron los destetes. En estos días se han empezado a realizar los primeros monitoreos de preñez mediante tacto o ecografías. Los resultados en lotes que han sido bien manejados se encuentran entre 80 y 90 % y otros lotes entre 60 y 70 %.

Por su parte en la regional Litoral Centro se logró otro pico promedio interesante de un 85%. El informe de situación para esa zona señala que se observan preñeces tempranas y tardías. Explica que esto, se puede atribuir a la falta de precipitaciones y a las elevadas temperaturas ocurridas en fin de diciembre y principios enero.

En la regional Litoral Norte del IPA se destaca el alargamiento del período de entore, yéndose incluso hasta marzo. Esto se explica por el intento de capitalizar de la mejor manera posible lo ocurrido con la oferta y calidad de pasto durante febrero e inicios de marzo y lo extendida de la última parición.

Finalmente en la zona Este se informa que los rodeos de cría se encuentran con buen estado como consecuencia de las buenas condiciones de la pastura. Por este mismo motivo los primeros resultados de preñez son auspiciosos. Los destetes se han retrasado y se observan muchos terneros al pie de la madre, situación que no es recomendable pensando básicamente en el desempeño de esas vacas en el entore siguiente, señala el informe de los técnicos del IPA.

### **El ethion “no será de venta libre” y se podrá utilizar solo en “baños de inmersión”**

09/05/2017 - Un veterinario oficial deberá certificar el uso del principio activo.

Las pruebas de ethion realizadas por la Cámara de Especialidades Veterinarias (CEV) y analizadas por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) arrojaron un “tiempo de espera de 130 días” y “se podrá utilizar solo en baños de inmersión”, confirmó a Rurales El País José Mantero, presidente de la CEV.

Explicó que el principio activo “no será de venta libre”, sino que será comercializado bajo un mecanismo “controlado” y “certificado” por un veterinario oficial quien va a “autorizar” el uso del producto.

También confirmó que se a prorrogar por 90 días la suspensión del ethion -la prohibición vencía a fines de abril- para “afinar detalles de utilización” y ser habilitado en la primavera. La autorización del uso de ethion decretada por el MGAP es parcial, “sólo contempla el baño de inmersión” que fue donde se realizaron las pruebas y es la herramienta que los productores estaban utilizando para combatir la garrapata; por tanto, los productos con base de ethion (pour on, curabicheras y caravanas) “van a ser suspendidos” para la venta interna en Uruguay.



Mantero dijo que esa decisión es definitiva mientras “no cambien los límites máximos de residuos de ethion”. Sin embargo, contó que Uruguay elevará a — el informe realizado para que se “evalúen los límites máximos” y se puedan fijar con las “anteriores condiciones”.

Finalmente, el presidente de la Cámara de Especialidades Veterinarias señaló que las posturas adoptadas por el MGAP busca condiciones de “extrema seguridad” en el uso del producto y la responsabilidad de quien lo utiliza. Agregó que, más allá de no ser de venta libre, el productor que lo necesite lo va a tener disponible.

### **Uruguay refrendará estatus sanitario en Asamblea de la OIE Se hará contacto con Japón por apertura para la carne vacuna.**

11/05/2017 - Desde el próximo domingo y hasta el próximo viernes 26 se desarrollará en París la 85ª. Sesión General de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), el organismo que establece las normas que rigen el comercio de animales y subproductos en el mundo.

Unos 700 delegados de más de 185 países, incluido Uruguay, participarán en el evento, donde se adoptarán nuevas normas intergubernamentales para la salud y el bienestar animal y se analizará el panorama global de las enfermedades animales.

Según la directora General de la OIE, Dra. Monique Eloit estarán en agenda los avances de los trabajos logrados en el marco del Sexto Plan Estratégico (2016-2020), los avances en las estrategias mundiales desarrolladas por OIE contra la resistencia a los antibióticos; la publicación de nuevas estrategias sobre bienestar animal y la adopción de los nuevos status sanitarios oficiales.

En este caso, Uruguay va a refrendar su status de país libre de fiebre aftosa con vacunación y el de país con riesgo insignificante en cuanto a “vacaca loca” (encefalopatía espongiiforme bovina), que es el más alto. A su vez, se defenderá el status de libre de peste equina.

La delegación oficial estará conformada por el director general de Servicios Ganaderos, Eduardo Barre, la Asesora de la citada dirección y nueva delegada de Uruguay, Patricia Lagarmilla y por el sector privado irá Jorge Bonino que lleva más de 20 años como delegado ante OIE.

“En la Asamblea Mundial de Delegados se pone en aprobación los textos que trabajan los distintos países para que luego sean adoptados por el código sanitario de los animales terrestres y acuáticos. En esta instancia, esos proyectos pasan a votación y los continentes tienen intervención”, explicó Lagarmilla a El País. Agregó que cuando se discuten las recomendaciones de los distintos capítulos, surge la posibilidad de tener contacto con los distintos países. Nos interesa dar trámite a gestiones que están pendientes o solicitudes nuevas”.

La nueva delegada de Uruguay ante OIE remarcó que hay mucha expectativa por lo que será el contacto con Japón, donde hay un nuevo delegado y donde se está jugando la apertura para la carne vacuna desosada y madurada. “El trámite está adelantado pero vamos a informarnos concretamente con un delegado del Ministerio de Agricultura”, remarcó.

A su vez, Jorge Bonino destacó los logros alcanzados por la integración público-privada y remarcó como fundamental temas como los compartimentos ovinos y bovinos, así como las gestiones bilaterales de acercamiento con países del Nafta, Unión Europa y Japón -entre otros para abrir mercados-, así con otros interesados que pueda repercutir en el comercio, apoyado por la sanidad de Uruguay”.

Para Uruguay siempre es importante conocer la situación sanitaria a nivel mundial. “La prioridad es fiebre aftosa, ver cómo está la región, el mundo y ver todo lo que se va a avanzando en ese tema. Eso no implica que no nos interese lo que está pasando en el mundo con gripe aviar, un problema importante a nivel mundial, como va a desarrollando todo lo vinculado con vacaca loca, que hoy ya no tiene la preponderancia que tenía años atrás y lo que se avanzó en otras enfermedades”, remarcó el experto que lleva más de 20 años en la OIE.

## **PARAGUAY**

### **Exportación de carne paraguaya de nuevo generó más divisas**

06 de Mayo de 2017 El informe preliminar de Senacsa sobre la exportación de productos cárnicos de los cuatro primeros meses de este año revela un aumento del 14,67% comparando con el mismo periodo del año pasado. En particular la carne bovina se vendió en un 16,49 por ciento más en este periodo que en el 2016. Chile, Rusia, Brasil, Israel, Vietnam y Taiwán, los principales mercados.

En la víspera, el Senacsa (Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal) divulgó su informe preliminar de exportación de carnes, menudencias, productos y subproductos de origen animal, con cierre al 30 de abril de 2017. De nuevo se observa importante aumento de esta actividad.

Por cuarto mes consecutivo este año aumentó la exportación de estos rubros comparando con los cuatro primeros meses del año pasado, según el informe del organismo estatal.

Los datos revelan notoriamente el buen momento que sigue atravesando el mercado de la carne paraguaya. A esto hay que agregar que el pasado 19 de abril los Emiratos Árabes Unidos (EAU), del cual



forma parte Dubái, autorizaron el inicio de los envíos a su territorio de carnes y productos cárnicos de bovinos y aves de origen paraguayo. Este anuncio se realizó cuando se encontraban de visita en Paraguay integrantes de la Cámara de Comercio de Dubái.

El informe del Senacsa señala que la carne bovina en los cuatro primeros meses de este año se exportó 80.5128 toneladas, por un valor total de US\$ 339.569.625. En el mismo periodo del año pasado se exportaron 77.468 toneladas de carne bovina, generando un ingreso al país de US\$ 291.406.250. La diferencia favorable al 2017 es de 3,95% en el peso y 16,49% en el monto de divisas ingresados al país en ese concepto.

Sumando la exportación de carne bovina, porcina, carne aviar; menudencias, despojos porcino y aviar y sub productos, en total, al 30 de abril, se exportó 15.849 toneladas, generando en ingreso de divisas US\$ 437.863.444, 4,24% y 14,67%, respectivamente, más que los cuatro primeros meses del año pasado.

Principales mercados

En cuanto al destino de la carne paraguaya, de acuerdo a los datos brindados por el Senacsa, en los primeros diez lugares se encuentran Chile, Rusia, Brasil, Israel, Vietnam, Taiwán, Irak, Kuwait, Irán y Líbano. En total son 45 países del mundo los que compran carne bovina del Paraguay. Entre ellos, los dos mercados que más cantidad de carne paraguaya llevan son Chile, con 27.172 toneladas, generando un ingreso de US\$ 124.732.124, y Rusia, con 24.684 toneladas, con ingreso de divisas de US\$ 80.503.044. Todos estos datos corresponden a los cuatro primeros meses de este año.

Las menudencias bovina también tienen mercado importante. Los cuatro principales destinos de estos productos son: Rusia, 4.729 toneladas, con ingreso de US\$ 7.491.409; Vietnam, 2.895 toneladas y US\$ 7.834.898; Hong Kong, 1.398 toneladas y US\$ 4.045.018; Gabon, 913 toneladas y US\$ 1.742.253.

Exportación de aves y cerdos

El informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), de enero al 30 de abril de este año, revela que la exportación de carne aviar y despojos fue de 1.050 toneladas, generando un ingreso de US\$ 731.241 al país. En relación a la exportación de carne porcina, menudencias y despojos, los datos señalan que en los primeros cuatro meses del 2017 se exportó 747 toneladas, lo que generó el ingreso de divisas de US\$ 1.500.774. Los principales compradores de estos productos son Rusia y Vietnam.

### **Senacsa flexibilizará control de vacunación antiaftosa por inundaciones**

11 de Mayo de 2017 El presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Hugo Idoyaga, manifestó ayer que la disminución del número de animales vacunados contra la fiebre aftosa en este periodo se debe a las condiciones climáticas.

Manifestó que las intensas lluvias caídas en los últimos días dificultan llegar a algunos lugares. Indicó que los campos están inaccesibles y la situación afecta a casi todo el país. “Pero se sigue haciendo la vacunación en la medida que las condiciones climáticas permitan realmente el arreo y la utilización de los corrales, que en muchos casos están totalmente inundados”, expresó.

Preguntado sobre si la situación obligará a extender el periodo de vacunación, dijo que no y que se mantendrá hasta el plazo establecido, pero que se mantendrá el bloqueo del establecimiento hasta que realicen la vacunación.

“Lo que vamos a prever y a flexibilizar en este caso es la no aplicación de sanciones para este tipo de situaciones. Pero sí va a ser obligatorio que todos los productores vacunen la categoría establecida, independientemente del tiempo que puedan hacerlo. Podrán hacerlo entre este periodo y la siguiente campaña de vacunación”, concluyó el Dr. Idoyaga.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **CETA: ganaderos irlandeses comparten encuentro con sus pares canadiense**

TheCattleSite News Desk 09 May 2017 IRELAND - IFA President Joe Healy and National Livestock Chairman Angus Woods met with a delegation from the Canadian Cattlemen's Association and Canadian Meat Council in Dublin this week to discuss a range of issues on beef including trade, standards, sustainability and the International Beef Alliance.

Mr Healy said it is clear that Canadian beef farmers are facing the same challenges as Irish farmers on key issues such as price, competition, production costs, labelling and exports.

He said, IFA had had a broad ranging discussion on Brexit where the difficulties for the beef sector and Ireland's hard won and long established relationship with UK retailers and customers were highlighted.

He said Quality Assurance, sustainability and superior standards as well as a successful outcome on Brexit will be key factors in maintaining Irish exports to the UK in the future.

IFA National Livestock Chairman Angus Woods said that under the trade deal between Canada and the EU (CETA), Canadian beef farmers will have to meet EU standards on key issues of traceability, food safety and the environment to be able to access the EU market.

He said it is very clear at EU level that all imports must meet EU standards.



Mr Woods said the CCA told the IFA that cattle numbers in Canada have stabilised and that the majority of their beef is grain finished in feedlots.

The USA is the main export market facilitated by the NAFTA agreement, which has come back on the agenda with the new administration in the US, under President Trump.

### **BÉLGICA vota suspender faena kosher y halal en uno de sus estados**

11 de mayo de 2017 La región belga de Walloon ha votado para prohibir las carnes kosher y halal. La comisión de medio ambiente de este estado belga votó unánimemente por la prohibición, que entrará en vigor en setiembre de 2019 si el plenario del Parlamento aprueba la prohibición a finales de este mes.

Tanto el ritual kosher judío como el ritual islámico halal requieren que el carnicero mate rápidamente al animal cortando su garganta y drenando su sangre, un proceso condenado por defensores de los derechos de los animales, quienes sostienen que es más humano aturdir a los animales antes de matarlos.

La misma propuesta había sido presentada en la región belga de Flemish.

El Congreso Judío Europeo condenó enfáticamente la decisión, considerada como "escandalosa".

"Esta decisión en el oeste de Europa y en el centro de la Unión Europea envía un terrible mensaje a las comunidades judías fuera del continente, de que los judíos no son deseados", señaló el dijo el presidente de EJC Moshe Kantor.

### **REINO UNIDO: participará en ferias HOFEX y SIAL China**

10 May 2017 - Quality meat from Britain will be highlighted in Hong Kong and China this month at the food and hospitality trade shows Hofex and SIAL.

The Agriculture and Horticulture Development Board (AHDB) will be exhibiting a selection of top quality beef, lamb, pork and processed meats at Hofex, Asia's leading food and hospitality trade show, which runs until Thursday at the Hong Kong Convention and Exhibition Centre.

The AHDB pavilion will be using the Food is GREAT branding to prominently fly the flag. This year, the event features more than 2,500 exhibitors from 57 countries – attracting around 50,000 buyers and will include a number of butchery, cookery and PR events to demonstrate the great taste and quality of meat from Britain in the face of fierce international competition.

AHDB Pork will then head to Shanghai for SIAL 2017, China's largest food innovation exhibition, which runs from 17 – 19 May.

Both events are expected to offer significant opportunities for exporters, with Asia proving to be an essential market for quality meat from Britain. Both events will be supported by 16 meat exporters in total.

AHDB Head of Exports Jean-Pierre Garnier said: "We are thrilled to be attending both of these major trade shows which every year grow in popularity and size, bringing together leading food experts from around the world.

"Hofex and SIAL present excellent opportunities for exporters and ensure that quality British meat is top of mind for buyers.

"In essence, the shows reflect two different objectives: In Hong Kong we will present a very premium meat offer backed by tastings and strong branding; in Shanghai, we will aim to increase the penetration and value of British pork on the Chinese market.

"With Greater China, a major prize in the development of British meat exports, these two shows will offer an opportunity to achieve this goal."

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Anuncian reapertura del Mercado chino**

By Associated Press MAY 12, 2017 It remains to be seen just how far China will go to allow in more American exports following previous disappointments.

China will finally open its borders to U.S. beef while cooked Chinese poultry is closer to hitting American supermarket shelves as part of a U.S.-China trade agreement.

Trump administration officials hailed the deal as a significant advance toward boosting U.S. exports and close America's trade gap with the world's second-largest economy.

The United States would also allow U.S. companies to ship liquefied natural gas to China as part of the bilateral agreement reached following President Donald Trump's meeting with Chinese President Xi Jinping in April. It covers a range of long-standing barriers from agriculture to energy to the operation of American financial firms in China.

Commerce Secretary Wilbur Ross hailed the agreement as "a herculean accomplishment" forged in record time.



"This is more than has been done in the whole history of U.S.-China relations on trade," Ross told reporters Thursday evening at the White House. "Normally trade deals are denominated in multiple years, not tens of days."

In Beijing, Vice Finance Minister Zhu Guangyao told reporters that the early results of the agreement showed that economic collaboration between the two sides "couldn't be closer."

But while the agreement touches on many of the trade barriers American companies have long complained about, it remains to be seen how far China will go to allow more American exports. Previous administrations have hailed market-opening agreements only to be left disappointed.

"The key in these negotiations is specifics that are enforceable - literally the devil is in the details," said Scott Mulhauser, the former chief of staff at the U.S. Embassy in Beijing.

"The more these agreements include real, concrete outcomes rather than platitudes, rehashing old ground or punts to the future, the better they are. American companies, workers, farmers and more are eager for more access to Chinese markets and they'll look to ensure reality matches the rhetoric of these promises," Mulhauser said.

Trump has made America's massive trade deficits and specifically the gap with China a major issue in his campaign and during the early days of his administration. He's argued that America's perennial trade deficits have cost millions of factory jobs and pledged to take a tougher stance in trade negotiations to lower the imbalances.

Under the agreement, the United States would welcome Chinese companies negotiating agreements to purchase U.S.-produced liquefied natural gas. The Energy Department has already authorized the shipment of 19.2 billion cubic feet per day of natural gas exports to China and other interested countries, the Commerce Department said.

A number of U.S. companies are seeking permits to build facilities to process liquefied gas, which would allow America to become a net exporter of gas, something it has not been since the 1950s. China is attempting to turn to natural gas as a way to reduce its dependence on coal and combat the country's extensive air pollution. The move would allow China to diversify its supply and provide a significant market for American suppliers - though the expansion could boost prices for U.S. consumers.

Ross downplayed the impact, pointing to the decline in natural gas prices. "If you look at it on a historical basis, there's plenty of room to go back up," he said. "It's not as though this is going to wreck anybody's pocketbook."

The agreement would also ease import restrictions on agricultural goods, including ending China's ban on beef imports that was imposed in 2003 after a case of mad-cow disease. The Bush and Obama administrations have sought for years to get it removed.

In exchange, the U.S. would allow the sale of cooked Chinese poultry - a move Ross said could be done safely. "We do not intend to endanger anybody's health or safety in the U.S.," he said.

The agreement would also streamline the evaluation of pending U.S. biotechnology product applications; pave the way for allowing American-owned suppliers of electronic payment services to begin the licensing processes in China and facilitate the entrance of Chinese banks into the U.S. banking market, among other measures.

The agreement grew out of negotiations both countries agreed to start after Trump's meeting at his Mar-a-Lago estate with the Chinese president. The areas dealt with in the initial agreement represent export opportunities that American companies have long sought.

America's trade deficit in goods and services with China totaled \$310 billion last year, by far the largest imbalance with any country. The deficit with China represented about 60 percent of the country's total deficit last year of \$500.6 billion.

The two countries have also agreed to hold high-level talks this summer to be led by Ross, Treasury Secretary Steven Mnuchin and Chinese Vice Premier Wang Yang to work on a one-year plan.

These talks represent the latest effort to resolve contentious trade issues between the world's two largest economies in a process that began during the administration of George W. Bush under Treasury Secretary Henry Paulson. Both countries got together twice a year. The Obama administration continued that effort but reduced the frequency of the talks to once a year.

While Trump had earlier said China could receive more favorable trade terms from the U.S. in return for help in persuading North Korea to cease its nuclear and missile activities, Zhu downplayed any suggestion of a link between the two.

"Both sides have a deep and close understanding that the U.S.-China economic relationship can't be politicized," Zhu said.

### ***Regirá a partir 16/07/2017***

By Greg Henderson May 12, 2017 Late Thursday the Trump Administration announced that China has agreed to resume imports of U.S. beef beginning no later than July 16, 2017.



National Cattlemen's Beef Association President Craig Uden issued a statement applauding the announcement.

"After being locked out of the world's largest market for 13 years, we strongly welcome the announcement that an agreement has been made to restore U.S. beef exports to China," Uden said. "It's impossible to overstate how beneficial this will be for America's cattle producers, and the Trump Administration deserves a lot of credit for getting this achieved. We look forward to providing nearly 1.4 billion new customers in China with the same safe and delicious U.S. beef that we feed our families. I look forward to the day when we can serve President Trump and President Xi a dry-aged American-made New York strip in Beijing."

The Chinese market is estimated to be worth \$2.6 billion for the U.S. beef industry. Twice previously, China has agreed to open its market to U.S. beef, but regulatory hurdles have prevented the completion of an agreement.

### **Estados Unidos admitirá el ingreso de carnes cocidas de origen aviar**

May 12, 2017 - WASHINGTON – The meat and poultry industry welcomed news that China will allow imports of beef produced in the United States no later July 16. By the same date, the US is to publish a rule allowing imports of cooked poultry from China.

Following technical consultations between China and the US, China is to allow imports of US beef on conditions consistent with international food safety and animal health standards and consistent with the 1999 Agricultural Cooperation Agreement.

Craig Uden, president of the National Cattlemen's Beef Association (NCBA) said "...It's impossible to overstate how beneficial..." this latest development in beef trade with China will be for US cattle producers. "After being locked out of the world's largest market for 13 years, we strongly welcome the announcement that an agreement has been made to restore US beef exports to China," Uden said in a statement. "We look forward to providing nearly 1.4 billion new customers in China with the same safe and delicious US beef that we feed our families. I look forward to the day when we can serve President Trump and President Xi a dry-aged American-made New York strip in Beijing."

North American Meat Institute (NAMI) Chairman and Bob Evans Farms President and CEO Mike Townsley said the announcement is a significant milestone for the industry. "High quality beef is in high demand in China, so the deal has great potential for both our businesses and the US economy as a whole," Townsley said in a statement.

"The administration has shown great leadership in working with the Chinese government and industry to help finalize market access for US beef," NAMI President and CEO Barry Carpenter said. "The beef deal is a significant, concrete accomplishment resulting from the 100-day plan established by President Trump and President Xi at their summit. We are thankful for the hard work on the issue by both leaders."

### **China, US seal trade deal as ties warm**

AFP May 12, 2017 Beijing (AFP) - Beijing and Washington announced Friday an agreement giving US beef, natural gas and certain financial services access to China's massive market in a deal highlighting the warm ties nurtured by their presidents.

The US in exchange will allow cooked Chinese poultry to enter US markets.

The agreement marked one of the first concrete results of trade discussions that began a month ago, when Chinese President Xi Jinping and Donald Trump launched a 100-day action plan on economic cooperation during their meeting at the US leader's Mar-a-Lago resort in Florida.

Trump lashed out at Beijing throughout his presidential campaign, vowing to crack down on trade policies that he deemed hurt American workers.

But relations between the two governments have been friendlier than expected since his inauguration, and the president trumpeted the new deal Friday on twitter.

"China just agreed that the U.S. will be allowed to sell beef, and other major products, into China once again. This is REAL news!" Trump said.

The US administration was "excited" about Washington's trade policies, said US Treasury Secretary Steven Mnuchin as he arrived for a meeting of G7 finance ministers in Italy.

"I think we're very happy with how we're proceeding with the Chinese," he added.

US Commerce Secretary Wilbur Ross told reporters at the White House that the deal will help reduce the US trade deficit with China, which reached nearly \$350 billion last year.

"This was pretty much a herculean accomplishment to get this done," Ross said, according to Bloomberg News.

"This is more than has been done in the whole history of US-China relations on trade," Ross said.

- 'Paltry benefits' -

In Beijing, foreign ministry spokesman Geng Shuang said the two countries "enjoy very close economic cooperation".



"The nature of this relationship is mutually beneficial. The two sides decided to press ahead with this economic plan and the fact that much progress has been made in a short amount of time shows... we can establish more cooperation for the joint benefit of the people," he said.

During last year's campaign, Trump had threatened to impose trade tariffs and label Beijing a currency manipulator, neither of which he has done.

But his tone changed after he took office and met with Xi in April, calling the Chinese leader a "good man" who was trying to help Trump rein in North Korea.

But a report by Capital Economics consultancy saw "paltry trade benefits" from the deal because it would amount to "just a few billion dollars".

The agreement "won't make any meaningful difference to the bilateral trade imbalance, which could still trigger a flare-up of tensions between the two sides in the future," it said.

- Ending beef ban -

Under the agreement announced by both nations, China will authorise US beef imports by July 16 while the United States will lift barriers on Chinese cooked poultry exports "as soon as possible".

China banned US beef following a case of mad cow disease in the United States in 2003.

Beijing had announced an end to a 14-year embargo on American beef last year, but the decision has yet to be implemented.

Regaining access to China, the world's most populous country with 1.4 billion people, has been a key goal of American cattle farmers.

"It's impossible to overstate how beneficial this will be for America's cattle producers, and the Trump Administration deserves a lot of credit for getting this achieved," National Cattlemen's Beef Association president Craig Uden said in a statement.

The deal will also allow Chinese companies to buy US liquified natural gas.

"This will let China diversify, somewhat, their sources of supply and will provide a huge export market for American LNG producers," Ross said.

China will also give permission to wholly foreign-owned financial services firms to provide credit-rating services in the Asian giant.

And it will give "full and prompt market access" to US-owned suppliers of electronic payment services, including credit and debit card transactions -- something China had already said it would do in 2015 after losing a case at the World Trade Organisation.

The joint statement said the United States would send a delegation to China's One Belt, One Road summit -- Xi's signature project -- on Sunday and Monday.

### **Exportaciones alcanzaron en marzo un nivel record desde 2000**

08 May 2017 US beef exports recorded a massive first quarter. At 208,000 tonnes swt, it was the strongest start to the year since 2000 and 23% above the same period in 2016. On this growth path, the US will overtake Australia as the third largest global exporter, behind Brazil and India.

US beef exports have been underpinned by continued production expansion. The April publication of the USDA World Agricultural Supply and Demand Estimates had first quarter US beef production pegged at 7% above year-ago levels and 2017 forecast to finish 5% higher year-on-year. As discussed last week, recent short-term weather related supply disruptions may dampen second quarter figures slightly, but US production expansion appears set to continue.

The consequences of growing production from the world's largest beef producer are being witnessed in some of Australia's key export markets, namely Japan and Korea. At a time when Australian production is constrained, US volume share of the Japan imported beef market has grown from 38% to 44% over the past year. In Korea, this figure has grown from 39% to 43%. Australia's share of both markets has declined by a similar magnitude, albeit Australian exports to Japan have recorded double-digit growth throughout the start of 2017.

As illustrated above, beef export figures from other major players reflected a constrained start to the year. In contrast to the US:

Australia exported 216,000 tonnes swt during the first quarter, back 12% year-on-year

Brazil exported 264,000 tonnes swt during the first quarter, back 8%

India exported 185,000 tonnes swt across January and February, back just 1%

08 May 2017 US - US red meat and poultry exports were explosive in March, with both export volume and revenue up in double digits compared to year ago levels, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Below is a brief summary of the highlights for each species. Keep in mind that the export volume data is in metric ton, product weight basis. USDA/ERS issued its calculations on a carcass weight basis, which will allow us to better compare with the monthly production numbers and implied domestic availability.



US meat supplies have expanded rapidly but a significant portion of that growth went to feed the rest of the world. It is good news for US producers and something that domestic buyers need to consider in their planning decisions. The spike in fed cattle values this spring is a reminder of the risks of staying short bought going into the biggest grilling weekend of the year.

Beef: Exports of fresh, frozen or cooked beef and veal in March were 77,743 MT, 15,407 MT (+24.7 per cent) higher than a year ago. This was the largest monthly beef export volume since June 2014. We think this is evidence that it was a combination of both domestic and export demand which pushed beef packers to ramp up slaughter during the first quarter. Beef export revenue (excluding variety meats) was \$510.8 million, almost \$100 million (+24.2 per cent) higher than last year. The value of beef shipped in March was not much different than a year ago, implying that it was the increase in availability rather than a cheaper price that drove exports. The two biggest contributors to the growth in beef exports were Japan and S. Korea. Lower slaughter and higher prices for Australian/New Zealand beef supported US beef exports to these markets. Beef and veal exports to Japan in March were 23,222 MT, 43 per cent higher than a year ago. Exports to South Korea at 13,052 MT were 27 per cent higher than last year.

### ***Asia y América del Norte fueron los destinos más dinámicos***

TheCattleSite News Desk 8 March beef exports to Japan increased 41 per cent in volume (28,135 mt) and 39 per cent in value (\$167.7 million). This capped a very strong first quarter in which exports jumped 41 per cent (to 74,411 mt) and 42 per cent (to \$427.3 million), respectively. This included a 55 per cent increase in chilled beef volume to 33,366 mt, as US beef captured its highest-ever market share in Japan's high-value chilled sector.

Coming off a record performance in 2016, beef exports to South Korea posted a very strong first quarter, with volume up 23 per cent to 42,551 mt and value increasing 30 per cent to \$267.5 million. With US beef continuing to gain momentum in Korea's retail and restaurant sectors, first-quarter chilled beef exports were up 78 per cent to 8,508 mt.

Other first-quarter highlights (compared to year-ago levels) for US beef included:

Exports to Mexico posted a solid increase in volume (57,057 mt, up 17 per cent), while value increased 3 per cent to \$226.8 million. An important destination for shoulder clods, rounds and other beef end cuts, muscle cut exports to Mexico expanded at an even faster pace, climbing 23 per cent in volume (30,015 mt) and 11 per cent in value (\$175.1 million).

Despite a recent slump in the value of the Canadian dollar, beef exports to Canada have rebounded in 2017, with solid increases in both volume (29,909 mt, up 14 per cent) and value (\$190.5 million, up 19 per cent).

In Taiwan, where US beef captures more than two-thirds per cent of the chilled beef market, exports increased 28 per cent in volume to 9,746 mt and 29 per cent in value to \$85.7 million. This included a 10 per cent increase in chilled beef volume to 3,650 mt.

Beef exports to South America were down 2 per cent in volume (4,919 mt) but increased 16 per cent in value (\$23 million), bolstered by a strong performance in Colombia and a recent rebound in Peru. This week USDA also confirmed the arrival of the first US beef shipments to Brazil since a BSE-related suspension was imposed more than 13 years ago. The first significant export volumes for Brazil will likely appear in the May USDA data, which will be available in early July.

March exports to South Africa (1,107 mt) were the highest since the market opened last year, making it the month's 10th largest volume destination for US beef. For the first quarter, South Africa ranked 11th at 1,971 mt. Export value was \$1.5 million, with most of the volume being beef livers.

### **Crece la demanda doméstica y externa**

10 May 2017 US - Beef demand from both domestic and export interests has been on the upswing since late last year and cattle feeders have not been shy about exploiting the situation, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Feedlot marketing rates, as defined by monthly feedlot marketing volumes relative to feedlot inventories on hand longer than 90 days moved above the five year average last November. The accelerated marketing pace has remained intact ever since, leading to bigger drawdowns in market-ready slaughter cattle inventories (see following graph).

Feedlot inventories of cattle on feed over 120 days (in feedlots with 1000+head capacities sampled by USDA-National Agriculture Statistics Service (NASS) on 1 April were at the lowest levels in ten years.

Actual daily slaughter data for steers and heifers during the first two-thirds of April, which is a good indicator of feedlot marketings during a month was up 2 per cent from last year.

A preliminary bead on April placements using weekly feeder cattle auction data from USDA-Agriculture Marketing Service suggests a 2 per cent gain from last year, although total feeder cattle receipts (including direct and video/internet markets) points higher by maybe as much as 10 per cent.





An adjustment also needs to be made for one less work day this April than in April 2016. Combining these numbers with an allowance for normal other disappearance from feedlots during April gives a projected 1 May feedlot inventory close to unchanged from a year earlier.

This exercise translates into April feedlot marketing rates that are as impressive as prior months. In March, feedlot marketings as a per cent of cattle on feed longer than 120 days was 55 per cent.

The prior high during the last ten years was in 2011 at 49 per cent. The prospective marketing rate for April would be 52 per cent.

The prior peak marketing rate during the past ten years was 49 per cent in 2014. Under this scenario, inventories of cattle on feed over 120 days declines by 1 per cent from the prior month and is down 11 per cent from a year earlier.

Feedlot inventories on feed longer than 90 days would be down 4 per cent from a year earlier but up 170,000 head from a month earlier. Over the course of 2007-2016, 90 day feedlot inventories averaged a 45,000 head decline during April.

The 1 May 90-day cattle inventory change from a year ago of 4 per cent compares with a 6 per cent decline on 1 April.

The trend that could possibly be starting to surface in 90 day feedlot inventories would flow through to similar developments for 120 day feedlot inventories (i.e. slaughter-ready cattle) by late spring and summer.

This is a normal seasonal trend for the feedlot industry. The discount between the spot choice cattle price and live cattle futures values should work to encourage beef demand to accommodate the increasing supply of cattle

### **USDA anunció cambios en su organización. Crean Subsecretaría de Comercio**

By Ben Potter, AgWeb.com May 12, 2017 At a press conference overlooking the Ohio River in Cincinnati, Secretary of Agriculture Sonny Perdue outlined organizational changes currently underway at USDA.

Speaking at Consolidated Grain and Barge, Perdue highlighted several changes, including creating an undersecretary for trade and foreign agricultural affairs that will report directly to him. Foreign Agricultural Service (FAS) will be moved under this undersecretary, where staff can “sharpen their focus” on overseas markets and trade opportunities.

Perdue also announced a new Farm Production and Conservation mission area, which will locate the Foreign Service Agency (FSA), Risk Management Agency (RMA) and the National Resources Conservation Service (NRCS) under a domestically oriented undersecretary. He says this move provides a “one-stop shop” for farmers, ranchers and other USDA “primary customers.”

The National Association of Wheat Growers issued a statement supporting this streamlining effort.

“We hope this effort will also lead to streamlining the paperwork of the programs administered by these agencies,” according to NAWG president David Schemm.

Finally, Perdue announced USDA will elevate the Rural Development agencies to report directly to him.

“It is always my commitment to always argue for the needs of rural America,” which is why we are elevating Rural Development within USDA,” he said.

A statement from the National Corn Growers Association said the group has long-advocated for a dedicated position at USDA that will focus on increasing U.S. ag exports, and applauded Perdue’s announcement.

“Secretary Perdue’s announcement signals to farm country that the Trump Administration is listening to America’s farmers and ranchers,” said Wesley Spurlock in the NCGA statement. “In this farm economy, trade is more important than ever to farmers’ incomes.”

According to NCGA, overseas markets comprise 73% of the world’s purchasing power, 87% of its economic growth and 95% of its customers – a point Perdue also made during his announcement.

“There’s a hungry world out there,” he said. “The good news is, there’s a growing middle class able to pay for U.S. soybeans and beef and poultry and pork. The undersecretary for trade is going to get up every day and discover where those markets are – being on their front step when they open the door in the morning, saying, ‘How can I take your order?’”

Perdue was also pressed about President Trump’s proposed 21% budget cuts to USDA.

“It was the recommendation early on before I got there,” he says. “But just like farmers, we’re going to do what it takes to get the job done. We’ll take the money we get and take it as far as we can.”

## **EMPRESARIAS**



### **Uruguay: Frigorífico Copayán más cerca de exportar carne vacuna a China**

11 de mayo de 2017 Avanzan las gestiones para la habilitación de Frigorífico Copayán para exportar carne vacuna a China, informó el intendente de Rocha Aníbal Pereyra, luego de una misión oficial en aquel país.

“Uno de los temas que habíamos hablado ya con el Embajador de la República Popular de China en su reciente visita a Rocha era la posibilidad de habilitar el ingreso de los productos del Frigorífico Copayán al mercado chino”, dijo el jerarca, de acuerdo a un comunicado publicado en el sitio de la Intendencia.

“Para que se pudiera habilitar, tiene que contar con el visto bueno del servicio sanitario de China y para eso tiene que ir una inspección exclusivamente a habilitar ese frigorífico. El Ministro de Ganadería está llegando a China con pocas horas de diferencia en que nosotros volvemos a Uruguay, ya hablamos telefónicamente con él y hace escasas horas los servicios sanitarios de China confirmaron que al Ministro le van a dar la fecha para la certificación de calidad del Frigorífico Copayán”, detalló.

El frigorífico será inspeccionado y seguramente será habilitado para el ingreso de carne a China. Eso puede implicar -entre otras cosas- ampliación de comercio de nuestros productos pero también posible ampliación de la capacidad de trabajo de esa industria, informó el jerarca.

El intendente Pereira formó parte de la misión oficial de gobierno que visitó China en octubre del año pasado y se avanzó en diversos temas, uno de ellos la habilitación del frigorífico para exportar al gigante asiático.

### **Minerva con menores ganancias en primer trimestre**

10/05/2017 El grupo Minerva Foods mostró una caída de 94,7% en su lucro líquido correspondiente al primer trimestre de 2017 comparando el resultado con igual período del año anterior, debido a la apreciación del real frente al dólar, lo que afectó la rentabilidad de las exportaciones. Además, se sumó una reducción momentánea de la demanda, luego de divulgada la operación Carne Débil. Esa operación desmanteló una red de corrupción que afectó a varias empresas brasileñas.

La baja en las ganancias de la compañía fue de 8,4% posicionándose en 2.100 millones y el Ebitda (beneficio antes de los intereses, gravado, la amortización y la depreciación) sumó 197,6 millones de reales (reducción de 21,5% en comparación anual, impactado principalmente por la depreciación promedio de 19,3% en el precio promedio del dólar en el primer trimestre.

Cuando la operación “Carne Débil” fue divulgada por la Policía Federal, Minerva resolvió asegurar los embarques como medida conservadora, lo que elevó los stocks, según explicó el presidente de la empresa Fernando Galletti de Queiroz en una teleconferencia con analistas.

“El impacto de la operación en el mercado brasileño se dio en el segmento de carnes procesadas y las carnes naturales sufrieron un poco menos”, dijo el vocero.

Minerva tiene operaciones en Brasil, Uruguay, Paraguay y Colombia y consiguió redireccionar sus producciones desde otras unidades fuera de Brasil, de forma de poder atender parcialmente la demanda de países que habían suspendido parcialmente las compras de carne brasileña.

“Este movimiento suavizó el impacto en la reducción de acceso de Brasil y demostró claramente la importancia de la diversificación geográfica como instrumento de protección y gestión de riesgo”, informó Minerva en un comunicado.

### **Marfrig registró pérdidas por R\$ 237,9 millones en el primer trimestre**

12/05/17 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods apresentou prejuízo líquido no primeiro trimestre deste ano de R\$ 237,9 milhões, um aumento de 133,4% sobre a perda de R\$ 101,9 milhões registrado no mesmo período de 2016. A receita líquida somou R\$ 4,136 bilhões, queda de 16%, ante R\$ 4,906 bilhões. A empresa registrou Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) no critério ajustado de R\$ 334 milhões, 24,6% menor que no primeiro trimestre de 2016 (R\$ 443 milhões). A margem Ebitda ficou em 8,1%, de 9% no mesmo intervalo do ano anterior.

O CEO da empresa, Martin Secco, disse que a valorização do real do período e a Operação Carne Fraca da Polícia Federal influenciaram negativamente o resultado da empresa.

Segundo o executivo, assim como as demais empresas do setor, a Marfrig precisou reter exportações, devido ao embarque de países importadores, o que elevou gastos com estoques.

Além disso, no mercado interno, houve queda do preço da carne e no consumo. A empresa também teve dificuldade na aquisição de gado a prazo e precisou realizar mais compras à vista.

A alavancagem da empresa passou de 3,98 vezes ao fim do quarto trimestre de 2016 para 4,08 vezes neste primeiro trimestre. Segundo o vice-presidente de finanças e relações com investidores da Marfrig, Eduardo Miron, o aumento se deve à queda do Ebitda.



### **Marfrig vendería acciones de Keystone**

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 12 de maio de 2017 Recursos seriam usados para financiar crescimento da empresa norte-americana

A Marfrig formalizou na Securities and Exchange Commission (SEC) o pedido de registro inicial para uma oferta pública inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) da sua subsidiária Keystone Foods nos Estados Unidos.

A Keystone planeja usar os recursos que receber do IPO para financiar crescimento e para usos corporativos em geral. A conclusão do processo está sujeita à revisão da SEC e às condições do mercado, afirma a Marfrig.

"Por questões regulatórias, a companhia não poderá fornecer, neste momento, maiores informações sobre o processo de IPO", diz a empresa brasileira, em fato relevante.